

ESTOU VIVO E ESCREVO SOL

através de António Ramos Rosa
com palavras corpos silêncios e sombras

truir redes

no caminho das palavras
e o que existe é a imaginação
estou vivo e escrevo sol
entre as silhuetas esguias
liberta-me

espraíam as folhagens giratórias

a fremente germinação

terrestre ou divino

e na pálpebra azul da eternidade

onde rir é escrever gritos

é universo em elementar efusão

a água

adormece-me
sede de sal

e as melodias

iluminando com o sangue

na iminência
no rumor ofuscante

são as murchas das flores

que são as palavras?

onde tudo permanece imóvel

como vagarosos limbos

em perfume ou uma brisa

e o vento e a luz são

de dorso firme

de dorso fendido



<http://www.telepoesis.net/estou-vivo-e-escrevo-sol>

v. 1

escrevo sol e

o que é uma sombra?

é a escrita dos silêncios claros

acariciando lentamente as pedras nos corpos inabordáveis

a escrita dorme e acena

é o suave clamor dos líquidos vogais dos pulmões em sossego o

desejo dos puros espaços

e aqui o teu silêncio arde

é universo em elementar efusão e

o que são as palavras?

escrever é construir redes e

o vento e a luz são essa circulação solar onde se espraiam as

folhagens giratórias

entre as silhuetas esguias

um grito ou um silêncio

uma sombra obstinada

onde tudo permanece imóvel na iminência do abismo terrestre ou

divino

a fremente germinação a água ou
a brevidade das flores
as palavras sucedem-se como vagarosos limbos como tinta
as palavras não compensam não regressam
são uma lenta reverência olhando a água iluminada e
o que existe é a imaginação

são as mulheres no seu vagaroso veludo onde a chuva jorra e
as palavras através das palavras no caminho das palavras abrindo a
noite e iluminando com o sangue os crepúsculos e
o que é uma galáxia inviolável?
é o amor e é o ar

cavalo varado abrindo a noite irrompendo pelas habitações perdidas
como a espuma finíssima da tua garganta verde
da tua lucidez do teu fogo
no nocturno fulgor do desejo

respira-me:
silenciando a tua nudez no rumor ofuscante e
na pálpebra azul da eternidade

de peito aberto
sede de sal e de lentos rumores

estou vivo e escrevo sol e
o brilho dos acenos suaves enunciando espontaneamente
os pássaros nos acenos nus
reaparecendo e sussurrando

é o inesgotável som dos detritos ásperos
dos espelhos em sossego à espera dos territórios da solidão

aqui o teu gesto arde
é mel em suave mistério e
o que são os labirintos?

flutuar é libertar caligrafias e
a palavra e a folhagem são essa sonolência sombria onde
incendeiam as cúpulas indeléveis:
as palavras, cristalinas

uma nuvem ou uma brisa
uma sombra uma fantasia nítida onde tudo desperta verde e
no sal do silêncio ínfimo ou absoluto:
a sonâmbula ressonância

a vulva
uma árvore suspensa
porque os cristais brilham como ruidosos filamentos
como chuva

as aranhas não gritam não suspiram são uma ensanguentada
ausência sonhando
a carne secreta contornando
a música das vogais
são como as mulheres
silêncios no feroz perfume
onde o bronze brota e
os gritos

através dos labirintos
no abismo dos amantes
abolindo o poema

que mar? e
o que é uma escrita tumultuosa?
é o abismo e é o fogo

gesto súbito escrevendo o ouro
cintilando pelas sombras enterradas como a espuma fugidia da tua
seiva juvenil
do teu silêncio do teu enigma
adormecendo-me o corpo giratório
acariciando-me
saboreando o teu sangue no poema cristalino e
na metáfora nua da felicidade
de dorso ausente

transmutação de mar e de densos desertos no liame das palavras
vibração dos gritos musicais ressuscitando espontaneamente as
auroras nos rumores vagos

liberta-me e suspira:
é o suave som dos muros ingénuos
dos pulmões em tumulto

não me reconheço: estou cheio do silêncios

aqui o teu clamor brilha
é pó em ardente rumor e
o que são os círculos?
sussurrar é contemplar ânforas e
a pátria e a escuridão são essa germinação flutuante
onde incendeiam as galáxias extravagantes
e a escrita: lucidez da respiração incessante
é uma voz ou uma árvore
uma sombra uma árvore enigmática
onde tudo submerge disperso
na lentidão do horizonte imaginário ou ínfimo a
flutuante germinação a
escuridão
para não sufocar
os demónios flutuam como misteriosos monstros como erva
as narrativas não murmuram não sangram são

uma embriagada harmonia incendiando a verdura lívida e
o que existe é a imaginação são as mulheres
os versos no seu cristalino útero onde a seiva acena
e os poemas
através
dos gritos
no eco das folhagens
ressuscitam

o poema acenando, embriagado e
o que é uma caverna giratória?
é a cegueira e é o poema
dorso ruidoso acendendo a primavera
deslizando pelas metáforas vacilantes como a escrita cintilante da
tua concha diagonal da tua ausência do teu corpo
e tudo é deserto

grita-me: iluminando o teu sangue no poema cintilante e
na espuma lúcida da brisa

de corpo iluminado
com sede de terra e de suaves murmúrios na terra espessa
o sopro dos segredos incendiados
acariciando voluptuosamente os demónios
nos segredos lívidos tudo
desliza e liberta-se

é o ausente perfume dos espelhos vocálicos dos cavalos em sossego
a língua do verde é isso e
aqui o teu mistério cessa
é clamor em insólito estremeçamento e
o que são as horas?
existir é imaginar sons

o mundo e a carícia são a espessura nua onde se apagam as
caligrafias verticais e
o ar dissipando-se como um meteoro
um labirinto ou uma pedra
uma sombra uma borboleta subtil
onde tudo persiste anónimo
no som do eco leve ou súbito
a taciturna dilatação
o mar o ouro vivo

as folhagens embriagam-se como cristalinos hálitos como música
as visões não vacilam não emergem são uma adormecida sonolência
agitando a espuma ínfima

mas o ritmo indecifrável da leveza do sopro
são as mulheres nos desertos
no seu lânguido pó onde a água cintila e as mães
através dos símbolos
no silêncio dos simulacros colorem o mar e

o desejo dos puros espaços e
o que é uma sílaba indecifrável?

é o clamor e é a água
turbilhão embriagado abrindo a primavera
voando pelas encruzilhadas vacilantes
como a água melodiosa da tua espessura adolescente
da tua fragilidade da tua nudez e
o que existe é a imaginação

embriaga-me: incendiando o teu peito no espanto ausente e
na pedra monótona da aurora

de corpo incendiado
fome de sol e de densos desertos ou
com a brevidade das flores
gênese dos versos castos
agitando espontaneamente as sílabas nos gritos imaginários

algo sussurra e agita-se:
é o feroz cântico dos cavalos adormecidos
dos corpos em tumulto dos silêncios das abelhas
aqui o teu aceno acende-me e
é eco em transparente rumor e
o que são os nomes?
contemplar é refazer anémons e o clamor e a floresta

fragilidade secreta onde incendeiam as magias inabitáveis
acenando, embriagando uma noite ou um crepúsculo
uma sombra uma infância imprevista onde tudo emerge disperso

perfume do horizonte lícido ou delicado
na inesgotável lucidez da seiva:
é a hora leve

as amendoeiras erguem-se como ávidos detritos como carne
as metáforas não brilham não acenam são uma incendiada
formosura profanando a erva ínfima

sou uma fantasia ansiosa
e são as mulheres os coágulos no seu lícido ouro onde o enigma
respira e
os gritos através das folhagens

no murmúrio dos fragmentos
desagregando o abismo e o deserto das auroras indecisas e
o que é uma palavra tumultuosa?
é o grito e é a dor

murmúrio áspero comovendo o enigma
deslizando pelas distâncias esquecidas como a saliva abatida da tua
asa diagonal da tua distância do teu perfume e respiro

descalça-me: murmurando a tua verdura no clarão ondulante e
na pedra adormecida da folhagem

de punho lívido

transmutação de sangue e de vagos desertos como
o líquido vivo
da nostalgia dos teus ventos musicais

abraçando languidamente as pratas nos labirintos calcinados

algo estremece e transforma-se:
é o leve fim dos pulsos firmes
dos labirintos em silêncio

tudo está imóvel e
aqui o teu clarão vacila:
é cântico em finíssimo crepúsculo e
o que são os rumores?

voar é ler peixes e o rumor e a nudez são essa fantasia cintilante
onde se descalçam as cadências enigmáticas e
o que existe é a imaginação
um perfume ou
um fulgor
uma sombra uma criança silenciosa

tudo desliza anónimo no clamor do rumor inviolável ou cálido e
a delicada cintilação é saliva enquanto
procuro palavras: água terra fogo vento

os tumultos suspiram como violentos hálitos como saliva
os mares não persistem não emergem são uma embriagada
delicadeza
enunciando a nudez radiosa
o poema:
argilas e pedras e urtigas

são as mulheres os desertos
no seu gélido mármore e
o enigma adormece e

as mãos através dos simulacros do poema das metáforas
povoando o mistério e o amor e
o que é uma pátria inviolável?
é o poema e é a ternura
grito lânguido iluminando a sombra
afluindo pelas memórias inquietas como a espuma finíssima da tua
saliva cristalina da tua lentidão do teu grito

as palavras, cristalinas, envolvem-me
iluminando o aceno flutuante e
na escrita lúcida da aurora

(de punho ausente e
com sede de espanto e de leves enigmas e
o ar dissipando-se como um meteoro)
o cântico dos enigmas frágeis
iluminam ingenuamente os monstros

nos cavalos magnéticos
tudo acena e estremece:
é o ilusório grito dos pássaros suaves
em círculos
em turbilhão
entre o corpo e o espaço

aqui o teu ódio deslumbra é sémen em frágil espanto e
o que são as sombras?
nomear é sussurrar galáxias e
o abismo e a água são essa fluidez diagonal
onde se apagam as músicas fulminadas

o poema: argilas e pedras e urtigas
uma ave ou uma serpente uma sombra uma fantasia ardente
onde tudo adensa
absoluto
na invenção do clamor divino ou
legível

a harmoniosa extensão do ódio: estou vivo e
escrevo sol
as paixões ardem como altivos poemas
como cal

as folhagens não voam não adormecem são uma iluminada
sonolência incendiando a linguagem frágil e
procuro palavras: água terra fogo vento

são as mulheres os gritos no seu suave fogo
o amor pulsando e
as mulheres através dos corpos no mistério dos silêncios
incendiando o abismo onde a noite ensurdece e
o que é uma ave vertiginosa?
é o grito e é o sonho
sopro magnético iluminando a primavera
sufocando pelas abóbadas enterradas como
a seiva silenciosa da tua ternura cristalina
da tua ausência do teu enigma
do teu corpo incandescente

respira-me:
estranhando o teu brilho no ouro cintilante e na cegueira vertical da
folhagem

de peito submerso: fome de mar e de densos aromas

tudo flutua em nossos corpos livres

a lucidez dos gritos magnéticos sufocando silenciosamente as
galáxias nos eclipses imprevistos

e tudo cintila e cessa

e tudo é o impronunciável silêncio dos espelhos musicais dos
pássaros em sossego e

o ar dissipando-se como um meteoro

aqui

o teu clarão sussurra e é nome

em musical perfume e

o que são os símbolos?

desenhar é sussurrar artérias e

o ar e a floresta são essa abóbada ausente onde se apagam as

abóbadas ondulantes

sopro de verdura ou

sopro de terra

uma vértebra ou

uma ave uma sombra

uma fantasia magnética onde tudo lateja

tudo ausente na nostalgia do silêncio imaginário ou magnético
contra a adversa fragilidade da transmutação

os corais embriagam-se
suspensos cavalos como folhagem

os cristais não voam não persistem são uma iluminada invenção
acariciando a noite lívida

pedra, ouro, o vazio do dia

são as mulheres

os desertos no seu prodigioso sono onde a linguagem brota e
as musas através dos corpos no silêncio dos ecos iluminando o ouro
para não sufocar e

o que é uma casa inviolável?

é o fulgor e é a luz

peixe feroz iluminando a noite

adormecendo pelas escritas inquietas como

a brisa branca da tua pulsação embriagada da tua fragilidade da tua
vibração

o ouro vivo liberta-me murmurando a tua sede no poema nítido e na
luz verde da liberdade

de punho firme

transmutação de sol e de vagos cristais bebendo as águas de tuas
portas

os sons leves descalçando espontaneamente os silêncios nos
tumultos nus

nada emerge e reaparece

mas é o ausente eco dos outonos suspensos

em silêncio

que adensa como

ouro vivo

punho murmurando o primaveril redemoinho e

o que são as crenças?

comunicar é murmurar mares e

a imersão e a deriva são

essa coerência fugidia onde se erguem as pedras melancólicas e

o poema: argilas e pedras e urtigas

uma ave ou uma teia uma sombra uma metáfora suspensa

onde tudo arde: no clamor do labirinto frágil ou

na taciturna transmutação do verde

como o líquido vivo e os murmúrios esvoaçando

como os fugidios hálitos como a cal

as evidências não dilatam não deslumbram
são uma perfumada harmonia profanando a noite ínfima

ser pedra viva

são as mulheres nos outonos
no seu gélido sono onde o mar murmura e
nos milagres

através dos labirintos
no abismo das vozes
iluminando
o mar contornado
a música das vogais e
o que é uma metáfora vocálica?
é a pedra e é a verdura cisne altivo

fantasiando o amor
sufocando pelas águas suspensas as cúpulas abatidas:
da tua cegueira transparente
da tua cintilação
da tua noite à espera dos territórios da solidão

acaricia-me: estranhando o teu espanto no clarão enigmático e na
cúpula branca da divindade
de dorso tenso

é a nostalgia da luz e dos vagos poemas que

oh matéria íntima e nua das imagens

oh ilusão dos peixes cálidos agitando obstinadamente e

as amendoeiras nos poemas calcinados emergindo e brilhando

é o frágil grito dos corais musicais dos acenos em tumulto

que mar?

aqui o teu sexo renasce é som em secreto sono e

o que são as nostalgias?

existir é atravessar versos e

o nu e a música são essa fragilidade magnética

onde sussurram as aranhas fortuitas e

o que existe é a imaginação

um murmúrio ou um tumulto

uma sombra ou uma cegueira misteriosa:

onde tudo adormece firme no sémen do

mistério flexível ou subtil

antiquíssima extensão do abismo

nudez das escritas que sussurram como

luminosos corpos como cal

e as vozes não germinam não respiram são uma
embriagada frescura
iluminando a chuva cálida com a inesgotável liberdade plena

são as mulheres
são as cores no seu ondulante ouro
são o corpo acenando e as cores através das cores no gesto dos
signos
abolindo os enigmas do corpo do deserto das auroras indecisas e
o que é uma pátria vertiginosa?
é o sémen e é o símbolo
enigma embriagado murmurando o abismo
deslizando pelas fantasias ameaçadas como a escrita fugidia da tua
cúpula
adolescente

da tua fragilidade da tua noite

escrever uma serpente e adormecer

liberta-me: murmurando a tua língua no clarão ondulante e
na flor imprevista da transmutação
de peito submerso

respiração de ouro e de vagos enigmas curvando e
anunciando o grito da libertação: a magia dos círculos suspensos

abraçando lentamente as cavernas
nos outonos indizíveis
tudo reaparece e cintila e
nada é o vago rumor dos peixes nítidos

dos aromas em silêncio

sou uma fantasia ansiosa e
aqui o teu enigma grita e
é clamor em impronunciável fulgor e
o que são os rumores?

construir é atravessar poemas e
a nudez e a caverna são essa superfície secreta
onde pulsam as auroras enigmáticas acariciando-me lividamente os
olhos

uma palavra ou um rumor
uma sombra uma vibração lívida onde
tudo estremece frágil
no abismo do crepúsculo primordial ou fugidio
a volúvel transmutação do sol acenando, embriagando e
as folhagens adormecem como vagos planetas
como seiva

os abismos não persistem não estremeçam são
uma ensanguentada cintilação iluminando a noite sombria entre
a miséria e a música habitada

são as mulheres os coágulos no seu flutuante ritmo onde a luz sopra
e os ecos
através dos amantes
no espanto das folhagens
colorindo o abismo
escrevem: estou vivo e escrevo sol e
o que é uma magia embriagada?
é a pedra e é a nudez ouro lânguido
escrevendo a primavera
sufocando pelas arcas extintas
como a voz incandescente da tua cabeça verde
da tua plenitude do teu corpo entre o corpo e o espaço

descalça-me: iluminando o teu peito no ouro ferido e na paisagem
densa da divindade

de punho nu
de respiração de luz e de densos enigmas entre
o sono e a alegria inventada
de segredos leves
beijando discretamente os amantes nos mitos cintilantes

renascendo e apagando-me e
é o ilusório som dos gritos férteis
dos gritos em tumulto
acariciando-me os olhos porque

aqui o teu fulgor acende e
é sorriso em primaveril círculo e
o que são os rumores?

gritar é imaginar sons e
o rumor e a ficção são
essa pálpebra musical onde gritam
as certezas obstinadas e
onde respiro uma aranha ou um tumulto
uma sombra ou uma argila suspensa

onde tudo murmura efémero na
cal do enigma ilusório ou
frágil

a magnética solidão o
grito entre as silhuetas esguias os
enigmas como inquietos pássaros as
visões

não dilatam não vacilam são
uma imaginada respiração agitando a folhagem efémera

um deus murmurando: são as mulheres os cisnes

no seu lento aceno e onde a saliva emerge e as tintas através das
escritas no abismo das tintas ressuscitando a música impronunciável
como

a tua sombra e
o que é uma espessura indecifrável?

o sol é a ternura
cílio lânguido escrevendo o asfalto
sufocado pelas sílabas enterradas
como as línguas flutuantes da tua infância adormecida
da tua cintilação
da tua vibração
acenando, embriagando

respira-me: saboreando o espanto do som giratório e da luz verde da
brisa ausente

fome de terra e de densos murmúrios

na linguagem límpida do sonâmbulo sufoco
no tumulto dos corais musicais derrubando espontaneamente as
clareiras
nos nomes incandescentes
escuta: é o ausente sopro dos nomes incendiados
dos sopros em tumulto à espera dos úteros

aqui o teu clamor murmura
e é labirinto em musical crepúsculo e
o que são as lágrimas? dormir é nomear
abelhas e
o infinito e
o acaso são
essa ilusão musical onde brotam as certezas invioláveis e

o amor um corpo ou um tumulto uma sombra uma espuma
improvável onde
tudo germina anónimo no abismo do infinito disperso ou
insólito
a adversa transmutação
a escrita na iminência do encontro
os corais como delicados planetas
como seiva
as galáxias não cessam não persistem são uma iluminada fluidez
absorvendo a escrita radiosa

escrever uma serpente e adormecer

são as mulheres os monstros no seu extravagante ouro
onde o verde germina e as carícias das escritas
no murmúrio dos gritos
desagregam o enigma:

pedra, ouro, o vazio do dia e
o que é uma casa indecifrável?
é a cal e é a brisa
poema vibrante murmurando o
amor esvoaçando pelas cintilações impossíveis como
carne efémera da tua concha embriagada da
tua espessura do teu
corpo e

a escrita: lucidez da respiração incessante

acaricia-me: suspirando a tua luz no rumor nítido e
na fantasia ensanguentada da folhagem

de peito aberto:
transmutação de terra e de vagos desertos

as palavras, cristalinas
grito dos eclipses leves descalçando languidamente as pratas nos
úteros ruidosos
espreita e murmura: as palavras são o frágil fim dos mitos cálidos
dos poemas em silêncio que
envolvem a terra

aqui o teu rumor desliza
é universo em harmonioso espanto e o que são os sinais?

ler é respirar espelhos e
o mar e a espuma são essa música subtil onde cessam as fadigas
fulminadas e

respiro um peixe: ou
uma lágrima
uma sombra uma teia visível onde
tudo pulsa tudo ausente
na superfície do tumulto vago ou
verbal a
radiosa plenitude a
sombra no liame das palavras e as
escritas incendiando-se como extravagantes acenos
como folhagem

os enigmas não adormecem não voam
são uma adormecida frescura profanando a nudez ausente

perfil de uma pátria sem sombra:
são as mulheres as escritas no seu extravagante silêncio e
o perfume acena e
os hábitos murmuram e
é o abismo dos círculos: desagregando o silêncio

escrever: escrever uma serpente e adormecer e
o que é uma crença indizível?

é o sol e é o bronze
sémen ardente comovendo a noite
caminhando pelas carícias calcinadas como
pálpebra cintilante da tua asa perfumada
da tua cintilação da tua paz

como o líquido vivo
envolvendo-me e adormecendo pela tua saliva
no mar súbito e na escrita imprevista da folhagem
de dorso oscilante
surge uma fome de pedra e de densos enigmas

nos olhos, no lume do teu corpo
despindo-se através do gesto dos simulacros frágeis
derrubando lentamente as florestas
nos silêncios silenciosos
reaparece e pulsa: o vibrante fim dos animais invisíveis
dos versos em tumulto

para não sufocar aqui
o teu brilho arde
é clamor inviolável e
o que são as searas?
flutuar é refazer
enigmas e

o ritmo e a cúpula são essa penumbra nua onde se agitam as
caligrafias extravagantes e
o que existe é a imaginação
uma nuvem ou um corpo
uma sombra uma cintilação misteriosa onde tudo submerge

branco

na cegueira do enigma inesgotável ou
fendido pela inesgotável escuridão do perfume

tudo está imóvel
as linguagens acenam como finíssimas caligrafias
não murmuram não ardem
são uma adormecida respiração incendiando a carne e
o que existe são as mulheres
as águas no seu lícido mel onde
o perfume respira e os versos dos seus nomes

no poema os gritos
abolindo o abismo entre a miséria e a música habitada e
o que é uma espessura vocálica?
é o sémen e é o cílio embriagado murmurando poema
cintilando pelas distâncias ameaçadas como
voz cintilante da asa vocálica da tua plenitude
do teu sopro como a nudez

liberta-me: murmurando a tua sede no mar flutuante e
na flor dourada da brisa
de peito oscilante: nostalgia de pedra e
de firmes poemas no liame das palavras

o acaso dos peixes lúcidos acendendo prodigiosamente os ossos
nos ecos inquietos

murmura-me e estremece: é o impalpável tremor dos corais líquidos
dos murmúrios em tumulto bebendo as águas das tuas portas

aqui o teu clamor emerge
é espanto e imperceptível tumulto e
o que são os mitos?
despertar é atravessar folhas e
a sílaba e o ritmo são essa brisa perfumada onde nascem
as artérias cintilantes

a boca e a expansão do universo
são o mesmo tremor: uma teia uma sombra uma luz enigmática
onde tudo submerge firme
no fulgor do eco imenso
ou lúcido
na flutuante desmesura da linguagem onde
nada se cria e
os cristais submergem

ilusórios ecos como espuma
os silêncios não brilham não vacilam são uma
perfumada primavera
profanando a maré ínfima e o ar

dissipando-se como um meteoro

são as mulheres
as metáforas no seu vibrante mel e
a cal cintila e
as cores através das metáforas
no mistério das palavras
adormecem e
escrevem

uma serpente: e
o que é uma liberdade indecifrável?
é o poema e é o ócio altivo fantasiando a noite
caminhando pelas atmosferas enterradas com a voz fugidia

tua escrita embriagada
tua plenitude da tua paz

adormecer: murmura-me acendendo a tua luz no mar tímido e
na voz branca da transmutação dos dorsos iluminados

pela respiração de cal e de leves rumores
centro lúcido e claro do sémen

a audácia dos crepúsculos frágeis ilumina silenciosamente os cristais
nos eclipses enigmáticos dorme e
ergue-se
é o impalpável sémen dos amanhãs dourados
dos oásis em turbilhão entre o corpo e
o espaço

aqui o teu sal clama
é mel em ávida eco e
o que são as casas?

renascer é acariciar ilusões e
o infinito e o rumor são essa cúpula magnética
onde sussurram as ressonâncias
ondulantes

impronunciável como a tua sombra só uma raiz
ou um fulgor ou uma sombra
serpente ardente onde tudo sussurra
submerso
no perfume dos sopros inesgotáveis
ou densos ou subtis: a desmesura do ar e
que cúpulas?

os mares alastram-se como luminosos poemas
como música
os gritos não gritam não sangram são uma adormecida consciência
sonhando a seiva tensa
curvando e anunciando o grito da libertação

são as mulheres: outonos no seu ondulante mármore
onde a noite emerge e
os segredos
através das escritas
no poema dos signos ressuscitam:
a noite como uma dança na folhagem e
o que é uma mulher vertiginosa?

é a noite e é a argila de cristal áspero
comovendo o amor cintilante
nas distâncias extintas
nas cúpulas finíssimas da tua formosura mágica
da tua ânsia do teu grito

é o ritmo indecifrável da leveza do sopro

descalça-me: suspirando a tua espuma no aroma ferido e
na pálpebra ensanguentada da claridade: deste útero ferido
sede de saliva e
de leves enigmas

acariciando-me lividamente os olhos o pênis os gritos leves
descalçando prodigiosamente as florestas dos outonos delicados
respirando e reaparecendo: é o leve amor dos sons incendiados
dos cavalos em sossego e
do ar dissipando-se:

como um meteoro aqui
o teu corpo acende
é som em subtil eco e
o que são os ecos?

dormir
contemplar folhas e a paisagem e a dança
frescura nua onde sonham as auroras obstinadas e
o que existe é a imaginação:
um eco ou uma voz e uma sombra ou uma saliva

onde tudo respira: branco
vibração do enigma múltiplo e frágil
inesgotável respiração e delicadeza: da pedra, do ouro, do vazio do
dia
os labirintos adormecem como cintilantes úteros
como chuva
os rios não acenam não acenam
são uma perfumada dúvida murmurando a maré misteriosa:
como tudo é vago e informulável

são as mulheres as aranhas no seu feroz útero
onde a luz arde e as pratas dos labirintos bebem as águas de tuas
portas e
o que é uma escrita inviolável?
é o espanto e
é a sombra e
é o murmúrio tenso e
agitado da paisagem
esvoaçando pelas abóbadas enterradas
como sombra incandescente da infância suave

curvando e anunciando os gritos da libertação: embriaga-me

acende-me o espanto no aceno da vértebra densa
da claridade de punho ausente
da respiração de mel e de suaves poemas
dum estremecimento no silêncio da página
do poema dos acenos ardentes beijando silenciosamente as mãos
dos eclipses imponderáveis

espreita e suspira: é o suave sopro dos arbustos férteis
dos detritos em tumulto acenando, embriagando
aqui o teu bronze emerge e
é estremecimento em secreta círculo e
o que são os sonhos?

contemplar
enunciar muralhas e o mundo e o cristal
os sonhos são essa brisa ínfima onde despertam as cadências
ondulantes
entre o sono e a alegria inventada
entre um aroma e um brilho:
uma sombra ou uma fantasia magnética
onde tudo murmura
na memória terrestre e oscilante

transformação do poema em ouro vivo: as caligrafias persistem
ilusórios cisnes como saliva
cegueiras que não flutuam não voam
são uma embriagada simetria
colorindo a praia tensa e impronunciável
colorindo a tua sombra

são as mulheres
são as tintas no seu ausente sal
onde o bronze brota e
os demónios
através dos corpos
no eco das tintas povoam o poema:
ser pedra viva mas
o que é uma sintaxe inextinguível?
não é a sede: é o espanto é o mármore ardente

fantasiando o amor
caminhando pelas teias extintas como
sombra finíssima
como espessura perfumada

e o teu silêncio
no teu sexo
tudo parece imóvel

desperta-me: incendiando a lentidão do teu mel iluminado e
na espessura adormecida da felicidade do teu dorso
submerso

fome de sangue e
de vagos brilhos

não tenho lágrimas e
permaneço oculto

o aceno dos milagres nítidos enunciando violentamente os
filamentos: nos corpos cálidos
murmura e cessa
o denso ódio dos ventos magnéticos
dos segredos em silêncio
do ritmo indecifrável da leveza do teu sopro:
aqui o teu gesto irrompe e

é perfume em magnético tumulto e
o que são os signos?

gritar é:

acariciar melodias e:

a sede e o oculto são:

essa cegueira feroz onde se libertam as caligrafias imponderáveis:

essa dança na folhagem:

essa escrita ou acaso ou sombra ou sintaxe ansiosa

tudo renasce vivo na lentidão do tumulto

nítido ou imprevisto: a volúvel constelação é o sémen que procuro

e as palavras: água terra fogo vento

amantes estremeçam como ávidos ossos

como música

as palavras não clamam

não flutuam: são

uma perfumada ondulação colorindo a paisagem

uma miséria e uma música são as mulheres

são os milagres no seu lento aroma

são o onde o fogo brota e

as palavras incendeiam a linguagem e

o que existe é a imaginação e

o que é uma liberdade flutuante?

é a água e é o poema:
ouro magnético abrindo
flutuando
pelas sombras enterradas como
carne melodiosa
ou tua pálpebra embriagada
ou tua verdura ou tua ternura e
que cúpulas?
descalça-me: incendiando a tua luz no mar

imprevista a pálpebra densa da tua transmutação:
de peito ausente
minha pedra de vagos murmúrios é boca e é a expansão
do universo
a magia dos poemas secretos
comovendo espontaneamente os monstros
nos sons lívidos
suspirando
renascendo:
é o antiqüíssimo crepúsculo dos astros em silêncio
envolvendo a terra:
aqui o teu punho de sal é inabitável clamor e
o que são as narrativas?
contemplar melodias e
a fadiga e o mármore: inocência volúvel onde adormecem as sílabas
fulgurantes

procuo palavras: água cílio seiva sombra
ou uma pálpebra adormecida onde tudo respirasse
inviolável
na harmonia do crepúsculo frágil ou nítido
na insólita imersão da palavra

é o clamor do sopro
os mares acenam como imaginários ecos
como luz as primaveras ardem e não flutuam: são uma embriagada
fluidez
agitando
a teia feroz da inesgotável liberdade plena
são as mulheres
os rumores no seu ingénuo sono onde
o fogo adormece e
os hábitos dos sinais desagregam a linguagem e
tudo é deserto e
o que é uma borboleta indizível? tumulto e fogo
gesto ardente iluminando

sufocado pelas abóbadas como pálpebras incandescentes: tua escrita
suave
tua fluidez tua noite
lê: a noite não existe
murmura-me acendendo a tua espuma
eco cintilante e na erva suspensa

respiração de pulmão respiração de cal e de vagos murmúrios

o desejo dos puros espaços é a claridade dos milagres líquidos
murmurando languidamente pelas gargantas
nos murmúrios
persistindo e sonhando pelo indizível poema dos cavalos delicados
dos segredos em silêncio
onde nada se cria escuta: espanto em latejante fervor e
o que são as escritas?

gritar é libertar
gritar são palavras e a paz e o nu
são essas argilas ínfimas onde se descalçam as vozes horizontais
são o corpo e o espaço
gritar é uma luz
ou um rio
uma sombra uma primavera subtil
onde tudo renasce
submerso no abismo
do clamor vocálico ou vocálico da flutuante
nostalgia
da seiva
curvando e anunciando o grito da libertação

as folhagens suspiram
suspensos úteros
luz das escritas:
não escutam não sonham
são uma adormecida fluidez
profanando a aurora frágil

tudo flutua em nossos corpos livres:
são as mulheres os labirintos onde a saliva arde e
as teias das palavras acariciam o impalpável

que mar? e
o que é uma liberdade vocálica? é o
grito e é a nudez
punhal áspero comovendo o abismo
voando pelas sombras vacilantes
erva silenciosa da tua carne branca
da tua ânsia da tua raiz

à espera dos territórios da solidão
grita-me: incendiando o teu sal no aroma cristalino e na escrita
cristalina da frescura do meu útero
respiração de ar e
de firmes murmúrios

escrever uma serpente e adormecer: a nostalgia dos versos leves

profanando os pássaros os nomes indelévels
adormece e renasce: é o ingénuo oásis do silêncio que a linguagem
límpida acende
fulgor em diagonal clamor e
o que são as casas? se dormir é nomear mulheres e
o asfalto e o grito são essa pulsação flutuante onde gritam
as galáxias vocálicas
as flechas ou os punhais ou as sombras:
respiração finíssima

aqui onde tudo brilha é
a frágil claridade do rumor divino que espera
territórios e mares sussurram como vagos acenos
como chuva

as metáforas não voam
não escutam
são uma perfumada primavera colorindo a esperança secreta

e os silêncios das abelhas? são as mulheres como astros
no seu perfumado sorriso
no seu sangue soprando as escritas e o brilho das cores
desagregando os corpos das silhuetas esguias e
o que é uma floresta giratória?

sal e nudez

fio varado fantasiando a erva
incendiando as espumas extintas
como seiva efémera da cabeça
da transparente ausência da tua brisa

procuro palavras: peito som cúpula útero
sede de sal e de densos aromas
terra carne dos círculos inquietos
abraçando violentamente os cristais
nos pulsos indizíveis
alastrando cintilando: fértil clamor dos peixes vocálicos
dos segredos em tumulto
da linguagem límpida dos sonâmbulos

sufoco aqui é o teu fulgor:
suspira e és sal em frágil mistério e
o que são as mulheres?

adormecer é saborear montanhas e
o cílio e a nudez são uma fragilidade secreta

brilham as esferas enigmáticas como vozes ou carícias
uma sombra onde tudo germina
taciturna desmesura do verde onde tudo se erguem: folhagem visões
erva pedra

e o ouro, o vazio do dia
as mulheres como teias no seu lento mármore
fogo pulsando pelos seus nomes através
das tintas e do mistério

e as palavras: escrevendo o mar
escrevendo a língua do verde e
o que é uma nuvem giratória? é o poema e
é a penumbra de cristal magnético
incendiando a sombra
cintilando como cúpula branca

tua ternura verde tua delicadeza teu enigma: são os rumores
dispersos
adormece-me: incendiando a tua nudez no som ardente e na lua
verbal da fantasia do teu punho

ausente nostalgia de sol e de suaves murmúrios
língua do mistério e dos enigmas magnéticos e

o que são as distâncias? e

no fulgor do desejo o que é uma luz vocálica? é a chuva e o que são
as primaveras? se libertar é acender as músicas

ESTOU VIVO E ESCREVO SOL

através de António Ramos Rosa
com palavras corpos silêncios e sombras

poemas combinatórios
Rui Torres

programados entre Lisboa, Porto, Barcelona e Bremen

<http://www.telepoesis.net/estou-vivo-e-escrevo-sol>

2016

através de textos e léxico de
António Ramos Rosa

poemario.js
Nuno Ferreira

VOZ
Nuno M Cardoso

SOM
Luís Aly

Húmus: 111 poemas, 2350 versos, 17500 palavras || **Índices de frequência:** PALAVRA(S) 106; CORPO(S) 89; SILÊNCIO(S) 77; SOMBRA(S) 77; ÁGUA(S) 61; PEDRA(S) 60; ESPAÇO(S) 52; TERRA(S) 51; ÁRVORE(S) 40; VENTO(S) 39; ESCREV- 38 || **Base:** 21 poemas (v.1), reduzidos posteriormente a 7 poemas.